

Fevereiro 6, 2023

ASERÁ no Antigo Oriente Próximo: cultura material, identidade e enigma

Marisa Furlan¹ e Aquiles Ernesto Martínez²



Representação da deusa fenícia Astarte sentada em seu trono real (séc.VI AEC, Museu Kunsthistorisches, Viena) cuja identidade, muitos especialistas, em seus imaginários associam a Aserá

Fotografia: Aquiles Ernesto Martínez, 2022

¹ Mestra em Ciências da Religião (UMESP), possui graduação em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo (Fateo/UMESP). Membro do grupo de pesquisa "Arqueologia do Antigo Oriente Próximo - Universidade Metodista de São Paulo", mestranda em História pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e Prof^a de História pelo Governo do Estado de São Paulo. Contato: marisa.furlan28@gmail.com

² Ministro ordenado na Igreja Metodista Unida, Professor de Bíblia e Religião na Universidade Reinhardt, Waleska, GA, E.U.A., e é membro do grupo de pesquisa "Arqueologia do Antigo Oriente Próximo - Universidade Metodista de São Paulo". Prof. Martínez obteve seu Ph.D. da University of Denver e Iliff School of Theology." Contato: aem@reinhardt.edu

ABSTRACT: An analysis of the iconography and epigraphy of the Ancient Near East that seems to refer goddess Asherah and the religion that was formed around it, in order to complement and refine the profile about her and her devotees that may be reconstructed from the Hebrew Bible.

KEY WORDS: Asherah, goddesses, Canaanites, Canaan, biblical exegesis, Ancient Near East, and fertility

RESUMEN: Análisis de la iconografía y la epigrafía del Antiguo Cercano Oriente que parece hacer referencia a la diosa Asherá y la religión que se formó en torno a ella, a fin de complementar y refinar el perfil que de ella y sus devotos se puede reconstruir a partir de la Biblia hebrea.

PALABRAS CLAVES: Aserá, Asherá, diosas, cananeos, Canaán, exégesis bíblica, Antiguo Oriente Próximo y fertilidad

1. Introdução: duas versões distintas que se complementam

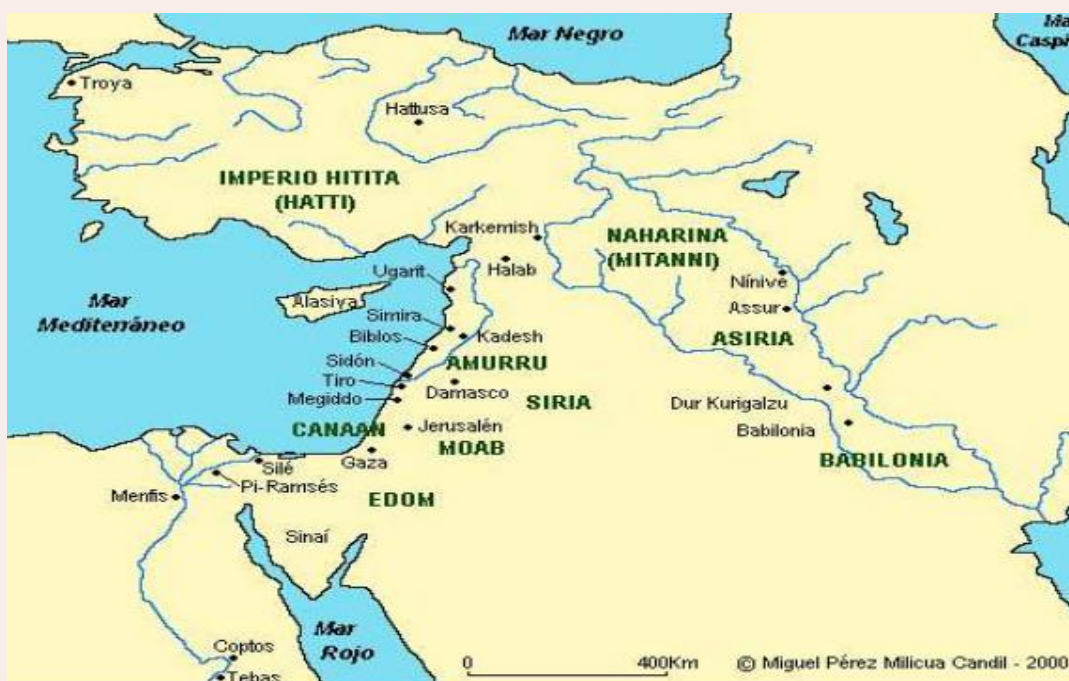
A concepção hebraica da existência de um único deus, como uma realidade única e irrefutável, não é sustentável; honestamente, nunca foi. Além deste pensamento bíblico estar atrasado em seu desenvolvimento e, apesar de todo esforço para impor uma maneira particular de adorar e representar o sagrado, tal posição entra em colapso diante das inúmeras descobertas arqueológicas e pesquisas históricas que mostraram que o politeísmo era a norma no Antigo Oriente Próximo. Além dessa evidência inegável, a adoração de outras divindades, de acordo com a Bíblia hebraica, não era apenas a religião da maioria, mas um ato de resistência que prevaleceu até o subsequente triunfo do monoteísmo em Israel. Nessa luta pelo poder afim de redefinir a identidade do povo hebreu, a adoração de divindades femininas representava mais do que uma etapa importante nesse processo, representava um desafio concomitante e sério. E entre todas essas deusas não há dúvidas de que *Aserá* ou *Asherá* (transliteração para o espanhol da palavra hebraica אֲשֶׁרָה foi uma das mais notórias).

Existem razões convincentes que falam da grande importância desta grande deusa. Uma delas é sua imponente popularidade no Antigo Oriente Próximo, bem como as suas possíveis ligações com algumas das deusas das culturas desta área geográfica. Outra razão é a falta de evidencia conclusiva sobre um culto centralizado em sua honra apesar de sua fama e clientela arraigada. A esta lista devemos

A esta lista, devemos acrescentar que a adoração de *Aserá* foi um grande problema para o monoteísmo hebraico e sua campanha fracassada para impor essa ideologia religiosa, uma vez que não foi possível erradicar o politeísmo de Canaã. As muitas condenações de seu culto falam da importância dessa divindade. E uma última razão é que, curiosamente,

começando com a Bíblia Hebraica, pouco sabemos sobre a identidade e culto dessa divindade, como o presente ensaio quer deixar claro.

Por estas e outras razões, nosso desejo de conhecer de perto *Aserá* começou com uma leitura inicial do que o Primeiro Testamento da Bíblia diz sobre essa deusa e sua religião, mas com a ideia de fazer uma análise exegética de sua formação em outro momento e complementar essa primeira abordagem (FURLAN e MARTÍNEZ, 2022). No primeiro ensaio, percebemos que essa seção da Bíblia, por causa de seu preconceito marcante e violento contra o culto de múltiplas divindades, dificultava a obtenção de informações relativamente neutras ou objetivas. Mesmo assim, conseguimos identificar algumas peças soltas sobre a fé em *Aserá*, mas sem resolver o mistério de sua identidade.



Mapa do Antigo Oriente Próximo e algumas regiões de importância e possivelmente conectadas com culto a *Aserá*
Fonte: <https://photos1.blogger.com/blogger/89/1863/1600/orientemedio.gif>

O presente ensaio traz uma conclusão bem-sucedida e um esforço para melhorar o nosso conhecimento acerca de *Aserá*, mas desta vez com um foco nos mais importantes vestígios iconográficos e epigráficos descobertos em Ugarit, Babilônia, Síria, Fenícia e

Canaã (ver CORNELIUS, 2008; BINGER, 1997; MAIER, 1986; DIA, 1986; etc.). As repetidas e intensas proibições de seu culto na Bíblia hebraica nos obrigam a recorrer a fontes externas para elaborar sua identidade para verificá-la, qualificá-la ou questioná-la. O que, então, dizer sobre *Aserá* e sua adoração no Antigo Oriente Próximo³ a partir desse posicionamento e com esse horizonte à frente?

2. A deusa, seus devotos e a relação entre eles

Todas las deidades, por ser creaciones humanas que proyectan los insumos provistos por sus respectivas culturas e historias, son poseedoras de virtudes, limitaciones y ambigüedades. Tienen además posiciones y funciones particulares dentro de un cosmos preconcebido y vivido. En este sentido puede afirmarse que *Aserá* tuvo (o se le atribuyó) una “personalidad divina” y, por lo tanto, ella fue poseedora de una serie de características que pueden enumerarse junto con las de sus devotos a partir de selectas fuentes semíticas y no-semíticas.

Todas divindade, por ser criações humanas, que projetam os insumos fornecidos por suas respectivas culturas e histórias, são possuidoras de virtudes, limitações e ambiguidades. Elas também tem posições e funções particulares dentro de um cosmos preconcebido e vivo. Nesse sentido, pode-se dizer que *Aserá* tinha (ou foi atribuído) uma "personalidade divina" e, portanto, ela possuía uma série de características que podem ser numeradas junto com as de seus devotos a partir de fontes semíticas e não-semíticas selecionadas.

O problema é que, literalmente, pouco se sabe sobre *Aserá* e sua religião a partir de fontes existentes, não só por seu caráter fragmentário, mas também por causa da qualidade da informação fornecida, das línguas, culturas, datas e geografia que as separam. Em varias delas, a palavra *Aserá* é mencionada diretamente e algo pode ser resgatado dela com relativa objetividade. Mas, na maioria dos casos, a informação obtida é indireta e, como consequência, levou à formulação de legitimadas conjecturas unidas pelo mesmo ponto de vista.

³ A partir de agora, lê-se ACO (Antigo Cercano Oriente).

É dado como um fato, por exemplo, e como veremos, que *Aserá* e outras deusas são as mesmas, porém com nomes diferentes, entretanto, por razões linguísticas e atributos semelhantes, parecem aludir à mesma divindade, embora pertencentes a períodos diferentes. Além disso, considerando que a epigrafia e a iconografia disponíveis oscilam entre os séculos XXI e VII AEC e são de diferentes áreas geográficas. Sendo assim, não podemos saber exatamente se as informações coletadas tem a ver com *Aserá*, com diferentes deusas ou se estas foram diferentes expressões culturais dessa deusa com um suposto núcleo comum. Essas possibilidades, para as quais não há respostas definitivas, vem à tona, especialmente quando pensamos que o culto a essa deusa, pode ter se originado em um determinado lugar e momento particular (por exemplo, em Ugarit nos séculos XIV-XIII AEC) para então migrar para outra região e experimentar as devidas mudanças (por exemplo, para a Síria, Fenícia ou Canaã nos séculos VIII-VIII AEC).



Alguns argumentam que a deusa Ishtar representada aqui com todo seu esplendor – poder e nudez - (séc. XVII-XIX AEC, Museu de Pérgamo, Berlim) é para muitos a mesma Aserá ou uma versão dela. Fotografia: Aquiles Ernesto Martínez 2022

Conscientes destas limitações e com um distanciamento adequado para não incorrer em anacronismos ou leituras preconcebidas, isto é o mínimo que podemos declarar sobre a religião de *Aserá*, mas com certas reservas.

2.1 Nome e significado

Sabemos da existencia de *Aserá* porque algumas fontes mencionam seu nome claramente. Porém, nem todas tem o mesmo valor ou peso como já observamos e comentaremos em breve.

Para começar, a origem e significado da palavra “*Aserá*” é “curta subida” (BINGER, 1997, p. 143-144; cf. SILAS, 2016, p. 16). Sua etimologia é uma incógnita. E embora algumas hipóteses tenham sido propostas, realmente não sabemos o que esta terminologia significa e como esta deve ser traduzida⁴. Devido a esta situação, uma transliteração para idiomas modernos, muitas vezes é o mais indicado.

A identidade de *Aserá* e sua relação com outras deidades femininas do Antigo Oriente Próximo são também um enorme desafio. Os estudiosos associam *Aserá* com nomes de outras deusas e suas culturas, principalmente aquelas ligadas ao culto da fertilidade e cujos perfis permitem uma certa aproximação e influência mútua entre os povos vizinhos. Tomemos como exemplo, *Asertu*, entre os hititas; *Asratum*, entre os babilônicos; *Astarté*, entre os fenícios; *Astaret* (ou *Astarot*), entre os cananeos; *Ishtar-Innana*, também entre os babilônicos (originalmente chamada *Airatu*) e *Qedshet*, entre os egípcios. Com base nisso e dentro das mitologias fragmentárias existentes, se atribuem a *Aserá* muitas das mesmas qualidades e funções dessas deusas, a ponto de não poder determinar em que sentido elas foram únicas ou distintas.

Se *Aserá* foi uma deusa como tal ou um mero objeto de adoração, o assunto segue em discussão⁵. Mas seja qual for sua posição adotada, é difícil separar os dois aspectos. O que se pode dizer é que esse epíteto “*Aserá*”, na mente de seus adoradores, obviamente referia-se ao caráter sagrado e feminizado de um Ser Superior. Por isso que se consagravam utensílios a ela (conf. 2 Rs 23:4) e associados a outras divindades. Na região filisteia de Tell

⁴ Por exemplo, sugere-se que a palavra em hebraico significa "feliz" ou "certo" (WHITE, 2022). Também o que fazer tem com uma raiz semítica do noroeste que significa "seguir (nos passos) de..." (ANTHONIOZ, 2014, p. 133).

⁵ Em sua análise da terminologia e iconografia associadas a 'El e *Aserá* em Kuntillet 'Ajrud e Khirbet el-Qom, Emerson identifica essa "deusa" como um "objeto de adoração", em vez de uma divindade como tal (EMERTON, 1999; cf. WHITE, 2022; HADLEY, 2000; FURLAN y MARTÍNEZ, 2022).

Miqneh (séc. VII AEC.), como já se sabe, foram encontradas algumas dedicatórias com o nome de *Aserá*, que pressupõem o caráter sagrado da mesma: "consagrada a *Aserá*" ou "por *Aserá*" (citado por CROATTO, 2001, p. 35). Infelizmente, isso é tudo o que podemos dizer por enquanto sobre o assunto do nome dessa divindade.

2.2 Títulos honorários

Além do nome próprio pelo qual essa deusa ou objeto de culto foi conhecida em alguns círculos, existem algumas predicativas especiais que possivelmente foram atribuídos a *Aserá*, desde que seja aceito como um fato de que as deusas referidas fora da Bíblia Hebraica são os equivalentes conceituais dessa divindade cananeia popular ou representam seu pano de fundo.

Nos textos acadianos (ca. 1830-1531 AEC), de acordo com alguns, *Aserá* é a deusa *Asratum*. E sendo a parceira do deus *Amurru*, ela é caracterizada como "senhora das estepes", "a noiva do rei dos céus" e "a concubina do vigor sexual e da alegria" (DAY, 1986, p. 386).

Nos textos de Ugarit (séculos XIV-XIII AEC), *Aserá* aparece com o nome de *Atíratu* ou *Athirat* e é reconhecida como "Deusa" (ilt = 'ílatu) (HADLEY, 1994, p. 236). Na epopéia de Kirta, ela é especificamente a deusa dos "tirios" e "dos Sidonios" e para quem um santuário foi construído. Em toda a sua magnificência e poder, esta deusa é muitas vezes chamada de "a Grande" e como "a *Atíratu do Mar* (ou do Dia)". E embora não seja "a Deusa Mãe", ela é "Mãe de todos os deuses", no exercício de sua autoridade (DAY, 1986, p. 387-388; CORNÉLIO, 2008, p. 99; CROATTO, 2001, p. 30-32; BINGER, 1997, p. 42-50; SCREMIN, 2013, p. 59-60; MATOS, 2022, p. 29-36). Ela também é referida como "o orgulho dos leões" e "a senhora das serpentes" (ACKERMAN, 1999; cf. 1993, p. 385-401). Em uma placa encontrada em Arslan Tash, na Síria, do século VII AEC, alega-se que *Aserá* é a deusa *Asher(at?)* que é apresentada como uma deusa eterna que fez uma aliança com seus crentes (DAY, 1986, p.395).

As funções de bênção e proteção (mencionadas abaixo) poderiam facilmente ter se tornado títulos como "abençoadora" e "protetora", mesmo que não haja epigrafia com esses epítetos. A frase "rainha do céu" em Jr 44, 17, que alguns interpretam como uma referência

a Ashara (cf. Jr 17, 2) (cf. TRONETTI, 2022, p. 7-8), pode muito bem ter sido um título de *Aserá*, embora não lhe seja diretamente atribuído em nenhuma fonte, igualmente pode ser lido como uma alusão a Astarte.

Todos ou alguns desses rótulos honorários podem ter sido atribuídos a *Aserá*; outros podem ter sido adicionados. O problema na atribuição desses títulos são os pressupostos que estabelecem uma relação direta entre a *Aserá* e essas deusas quando tal relação não é conclusiva e final. Além disso, tanto as religiões quanto a imagem de suas divindades mudam com o passar do tempo.

1.3 Teogonia e a propagação do culto

Falar sobre o início de *Aserá* como uma deusa de acordo com as tradições do Antigo Oriente Próximo também significa falar sobre o tempo e o lugar onde seus adoradores começaram a adorá-la, e como seu culto se propagou e evoluiu. É por isso que a teogonia de *Aserá* não deve ser separada do início e desenvolvimento de seu culto em Ugarit, Babilônia, Síria, Fenícia, Canaã ou Egito, e das diferentes faces que adquiriu em cada região e período histórico.

Dentro deste tema e ao contrário do que sabemos de outras divindades, não há um relato que diga claramente como, onde, quando e com que propósito *Aserá* apareceu nas cosmologias das culturas semíticas e não-semíticas. No estudo das religiões comparadas, afirma-se que todos os deuses e deusas, símbolos, crenças e cerimônias têm histórias que explicam seu início, os legitima e enquadram seus significados. Mas quanto a *Aserá*, não há sequer uma mitologia básica que tenha sobrevivido.

Outros temas para os quais não há respostas, são o lugar e a hora em que *Aserá* começou a ser adorada. O mesmo pode ser dito sobre diferentes versões de seu culto e de suas características particulares. Há aqueles que ousam propor o século XXIV AEC na Mesopotâmia como o tempo de sua gênese⁶. Também podemos conjecturar, juntamente

⁶ Argumenta-se que a referência mais antiga a Ashara (como A-sirta) aparece nos textos de Ebla (ca. 2350 aC), mas não há textos traduzidos em que essa correspondência possa ser verificada (DAY, 1986, p. 385-386). Existem outras alusões possíveis ou não tão claras em outros textos acadianos que datam do século XIX (entre 1830-1531 aC; DIA, 1986, p. 385-286) ou XVIII a.C. (Römer, 2016 p. 156-157).

com outros estudiosos, que houve adoração a essa deusa, possivelmente com um nome diferente.



Século 1400-400 AEC, Museu de Pérgamo, Berlim



Século 1450-1200 AEC, Museu Kunsthistorisches, Viena

No Antigo Oriente Próximo, as deusas raramente mantinham sua identidade de maneira hermética. A proximidade geográfica, o deslocamento forçado, as conquistas e o comércio facilitavam uma interação dinâmica de influência mútua entre as culturas e sua caracterização da realidade. As estatuetas atuais no estilo sírio e cipriota podem ter representado feminilidade ou deusas de identidades equivalentes. Para muitos, Aserá poderia ter sido representada dessa maneira, embora não haja evidências contundentes ligando essa deusa a esse tipo de iconografia.

Fotografias: Aquiles Ernesto Martínez, 2022

À vista disso, podemos dizer que a teogonía e a propagação do culto a *Aserá* começou nas regiões da Babilônia, Ugarit ou Fenícia por volta dos séculos XIV-XIII AEC. Talvez dali tenha se estendido às regiões da Síria e Canaã em meados dos séculos IX-XIII AEC, como o Antigo Testamento parece pressupor.

2.4 Posição nos panteões

Aparentemente, *Aserá* não estava sozinha; ela fazia parte de uma comunidade de divindades e uma das deusas mais proeminentes. Em várias ocasiões, e representada por divindades femininas com possíveis nomes relacionados, ela aparece ao lado de *Amurru*, *Elu*, *'El* e *YHWH*, o Deus de Israel, como aliada. Mas essa proximidade não é detalhada. Apesar disso, devido à sua posição em relação a esses deuses, podemos vislumbrar uma relação de importância que, mais do que revelar informações sobre as divindades, no final, nos revelam algo sobre seus criadores e fiéis.

Na inscrição "Eu te abençoei por YHWH de Samaria e sua *Aserá*", encontrada em Kuntillet 'Ajrud, por exemplo, pode-se deduzir que havia uma associação diferenciada entre essa deusa e o Deus de Israel (DAY, 1986, p. 391-393; DEVER, 2005; LEUENBERGER, 2021, p. 179-190; SMOAK e SCHNIEDEWIND, 2019, pp. 5-6; GILMOUR, 2009, p. 97; ANTHONIOZ, 2014, p. 33; DEVER, 2005; MANDELL, 2012, p. 141-142; TRONETTI, 2022, p. 4-6; DIA, 1986, p. 392; CROATTO, 2001, p. 33; CORDEIRO, 2011, p. 35-39); algo semelhante à sua associação com Ba'al na Bíblia Hebraica. E embora haja um debate quanto ao significado do sufixo pronominal "seu" na frase "'Ele e sua *Aserá*" usada nesta inscrição (seja para indicar a posse de um objeto, a identidade de uma deusa ou ambos), e a função religiosa do lugar onde essa inscrição foi encontrada (MANDELL, 2012, p.131-138), há na ideia dessa inscrição um vínculo hierárquico e patriarcal entre essas deidades dentro do conceito popularizado do politeísmo.

Algo semelhante pode ser identificado a partir da inscrição de Khirbet el Qom (ca. séculos VIII-VII ECC), perto da cidade de Hebron. E embora várias traduções tenham sido propostas, todas elas coincidem em apresentar uma estreita relação e aparentemente igualitária entre YHWH e *Aserá* (BINGER, 1997, p. 95-101; CROATTO, 2001, p. 33).

1. *Uryahu [... algo sobre ele] sua inscrição.*
2. *Bendito seja Uryahu por Yavé (lyhwh),*
3. *sua luz por Aserá, a quem mantém sua mão sobre ele*
4. *por sua rpy, que...⁷*

A informação acerca da posição de *Aserá* em outras fontes podem ser parte de sua formação religiosa, mas são indiretas na melhor das hipóteses. Nos textos acadianos (1830-1531 AEC) e interpretados como *Asratum*, *Aserá* aparece como a consorte de *Amurru* (DAY, 1986, p. 386). Como observado nos mitos de *Ba'al* nos textos de Ugarit, a deusa *Atíratu* (interpretada como *Aserá*), é a parceira ou companheira do deus principal ou criador, *Ilu* (CROATTO, 2001, p. 30). Mas não se diz literalmente que foi sua “esposa” (CORNELIUS, 2008, p. 99).

Que essa relação poderia ser entendida como consortes é corroborada por tábuas do século XIV AEC, em Ras Shamra, na Síria. Nelas, *Atíratu* aparece como a esposa de *'El*, o deus supremo (DAY, 1986, p. 387; HADLEY, 1994, p. 236). Em outro episódio mítico, *Atíratu* e *Rhmy*, uma deusa cuja identidade é disputada, são seduzidas por *'El*. Diz-se também que a deusa *Asratum* dormiu com *Ba'al-Hadad* depois que ela o seduziu (DAY, 1986, p. 390-391).

Embora não se mencione *Aserá*, a associação feita entre *YWHW* e a deusa *Anat* em alguns documentos do século V AEC, encontrada na colônia judaica de Elefantina, no Egito, é muito interessante. O juramento feito ali por *Yahô* (= *Yahweh*), Deus, pelo templo e por *Anat* de *Yahô*, revela, não apenas o reconhecimento de *Anat* como deusa e o apelo à sua autoridade, mas também ilustra a tendência de unir deuses com deusas (COWLEY, 1923, p. 147; CROATTO, 2001, p. 35).

A descoberta na colina oriental de Jerusalém de um fragmento de um vaso (do século VIII AEC.) com duas figuras triangulares, levou muitos estudiosos a concluir que estas representam *YWHW* e *Aserá* (GILMOUR, 2009, p. 87-103). E embora não haja evidências de que esses sejam os referentes de tal iconografia (especialmente quando seus nomes não

⁷ Outra tradução seria: "Abençoado por Urias por Javé, sim de seus inimigos por sua Asherah, ele o salvou, por Onias, por sua Asherah e por sua A(she)rah" (citado por NAPLES <https://femminaclassica.com/in-search-of-asherah-the-lost-hebrew-goddess/>)

são mencionados), essas figuras, no caso de simbolizarem divindades, reforçam a prática de associar os deuses às deusas.

Para reforçar este ponto, lembremos dos dois altares de tamanhos diferentes encontrados no "lugar santíssimo" de um santuário em Tel Arad, que possivelmente simbolizam a presença de um deus (*'El*) e uma deusa (*Anat, Aserá*, etc.), e a proibição em Dt 16:21-22 de não plantar *Aserá* perto do altar de YWHW ou levantar estátuas. Se os seres humanos vivem em pares, não é de estranhar que essa mesma qualidade seja atribuída a divindades.

O fato de haver evidências tão variadas sobre a associação de deuses com deusas e se utilize uma fraseologia semelhante, sugere a tendência de combinar masculinidade e feminilidade na representação simbólica e material do divino. E no caso particular de Israel, não só mostra sua absorção da cultura cananeia ou estrangeira, mas ilustra um dos estágios antes ou durante o estabelecimento do monoteísmo em Israel.

2.5 Funções divinas

Uma vez que as posições atribuídas às divindades não podiam ser separadas do que se esperava que elas fizessem, é lógico que a *Aserá* tivera algumas responsabilidades a desempenhar, mesmo que estas sejam especulações amplas, insuficientes, vagas ou lógicas.

A partir da inscrição de Kuntillet 'Ajrud (ver acima), pode-se deduzir que, junto com Deus *'El*, *Aserá* tinha a capacidade de "abençoar" (LEUENBERGER, 2021, p. 179-190; SMOAK e SCHNIEDEWIND, 2019, pp. 5-6; DEVER, 2005; TRONETTI, 2022, p. 4-6; CROATTO, 2001, p. 33). E a partir dessa premissa, pode-se inferir que seus adoradores podiam invocar essa bênção e tornar esse papel visível.

Da mensagem da inscrição de Khirbet el-Qom (ver acima), podemos deduzir outra das funções desta deusa, a saber, a de proteger seus devotos. E uma vez que a descoberta ocorreu em um pilar perto de uma tumba e que o Antigo Oriente Próximo era uma zona de guerra, essa função pode ser enquadrada no tema de enfermidades, morte e até mesmo a uma vida após a morte.

Vinculada ao deus *Ilu, Atíratu* (interpretado como *Aserá*) foi responsável pelo início, destino e funções dos deuses do panteão ugarítico. Ela serviu como uma intermediária ou

intercessora bem-sucedida diante do Deus supremo, 'El. Em um dos mitos revelados, *Atíratu* é quem convenceu esse deus a construir uma casa para *Ba'al*, após o fracasso da deusa *Anat* em realizar essa tarefa (DAY, 1986, p. 389-390). Em um sentido não claramente definido, ela era a mãe ou criadora dos deuses; função que compartilhou com 'El. Ela também deu casa para seus filhos e foi uma ama de leite para os reis. Diz-se que *Atíratu* procriou cerca de 70 deuses, incluindo, curiosamente, *Ba'al*, *Anat* e outras divindades proeminentes (DAY, 1986, p. 387; CORNÉLIO, 2008, p. 99; ANTHONIOZ, 2014, p. 33; PATAI, 1990, p. 37; CROATTO, 2001, p. 30-31; STAVRAKOPOULOU, 2017, p. 496).

Como você deve ter notado, no imaginário ugarítico, essa deusa realizava tarefas de importância religiosa, política e doméstica, dentro de uma cosmovisão elitista, mas com papéis de gênero definidos e até mesmo pouco convencionais. Nessa caracterização primitiva, destaca-se o protagonismo de *Atíratu* (visto como *Aserá*, em pé de igualdade com 'El ou *Ba'al* e acima de *Anat*) na tomada de decisão e graças a isso, em certa medida, desaparece a separação entre a esfera doméstica e a política. A deusa não se limita à privacidade do lar celestial ou a uma subordinação passiva às masculinidades do panteão. Há uma distribuição relativa de privilégios e poderes dos quais *Atíratu* é beneficiária e contribuinte. Além disso, apesar de ser esposa, ela não se submete aos desejos sexuais do marido, colocando sua vontade acima da de seu consorte. No nível do inconsciente, nos perguntamos se tudo isso seria um mecanismo de fé para realizar alguns dos desejos frustrados das mulheres e dar-lhes mais visibilidade, destaque e legitimidade.

Levando em conta essas possíveis funções, não é de surpreender que, tanto no dia-a-dia dos povos quanto nas conceituações de especialistas séculos mais tarde, *Aserá* (juntamente com outras divindades femininas) havia se conectado com o culto da fertilidade; ou seja, com as forças místicas da natureza, garantindo a produtividade do solo, dos animais, dos seres humanos e até das próprias deidades. A subsistência de todos esses elementos dependia dessa deusa. Não em vão *Aserá* foi representada em Canaã como um tronco, árvore ou bosque de acordo com a LXX.

2.6 Materialidade simbólica

Quando pensamos em *Aserá* em termos das 7 categorias que selecionamos para reconstruir um perfil provisório e sistemático dessa deusa e seu culto, há um crescente grupo de estudiosos que buscam definir essas qualidades com base nas ruínas de edifícios encontrados em sítios arqueológicos chave, no testemunho da Bíblia e em outros relatos e inscrições. Mas também em estatuetas e objetos de desenho e uso religioso. A lista desses representantes da cultura material é bem conhecida e seu significado tem sido debatido entre os estudiosos. Houve poucos progressos e a reciclagem de ideias é abundante. Mesmo assim, os leitores fariam bem em consultá-los.



Figura A

Fonte: Museu Britânico



Figura B

Fonte: Museu de Israel

Por enquanto, vamos tomar como exemplo o brinco de ouro descoberto em Tell el-Ajul (ca. século XVI AEC), que mostra uma figura feminina (possivelmente *Aserá*) de cujo umbigo vêm o que parecem ser ramos para a região púbica. Esse objeto pode ter tido ligações com a árvore da vida (RÖMER, 2016, p. 167) ou com a função de gerar vida (ver Figura A acima). A pequena placa com a imagem de uma mulher amamentando dois filhos gêmeos, encontrada ao sul de Shefelá⁸, e cujas coxas aparecem umas palmeiras, é frequentemente associada a *Aserá* ou deusas semelhantes (veja a Figura B acima). Outros artefatos com

⁸ Esta palavra (em hebraico: הַשְּׁפֵלָה, "planície"; também שְׁפֵלַת יְהוּדָה, Shephelat Yehuda, "Planície da Judéia") normalmente se refere à região no centro-sul de Israel, perto do Monte Hebrom. Para obter mais informações, consulte METZGER, 2002.

características semelhantes foram encontrados em Tel Azekah, um local localizado a 27 km à sudoeste de Jerusalém (TADMOR, 2011, p. 419-424).

Apesar dessas tentativas de estabelecer uma relação direta entre esses referenciais e *Aserá*, e ao contrário do que acontece com outras deusas, a representação material, visível e detalhada de *Aserá* segue sendo uma questão sem resposta. E, por quê? Não foi encontrada nenhuma estátua ou estatueta com o nome de *Aserá* impresso. Reiteramos o que havíamos dito acima: dos 127 objetos descobertos no Antigo Oriente Próximo que têm a ver com divindades, apenas 23 deles têm inscrições com nomes específicos de deusas. Para nossa decepção, *Aserá* não está entre eles (FURLAN e MARTÍNEZ, 2022, p. 3; LEUENBERGER, 2021, p. 87, 89, 99-100; SILAS, 2016, p. 17). Apenas *Anat*, *Astarté* e *Qedeshet* gozam desse privilégio (CORNELIUS, 2008, p. 87, 89, 99-100), de modo que a relação entre suas identidades e suas representações iconográficas é mais fácil de ser estabelecida.

Estatuetas feitas à mão e em forma de pilar com rostos elaborados ou mais rústicos (com maçãs do rosto afundadas e nariz um pouco pontiagudo), com seios grandes, nus e segurados pelas mãos, podem muito bem ter significado de amamentação e, por extensão, a capacidade de dar e gerar vida. Essa capacidade foi realçada quando muitos desses objetos foram encontrados em tumbas. Algo semelhante pode ser deduzido de imagens que mostram o triângulo púbico e o parto, como as apresentadas acima. Mas a partir daí dizer que esses objetos eram representações de *Aserá* é apenas uma suposição atraente, uma vez que, entre outras possibilidades, eles poderiam muito bem ter simbolizado outras deusas ou ilustrado alguns aspectos da feminilidade.

Uma possível exceção à nossa crítica poderia ser o conhecido desenho de uma árvore em um dos jarros, nos esboços de figuras masculinas e femininas e a inscrição "Eu te abençoei por YWHW de Samaria e sua *Aserá*", todos encontrados em Kuntillet Ajrud. Mas mesmo nesses exemplos a conexão não é definitiva. Embora seja possível que as árvores sirvam de alimento



Uma das populares representações do deus egípcio Bes porém sob a forma de um amuleto (ca. Séc. VI-IV AEC, Museo Kunsthistorisches, Viena)

Fotografia: Aquiles Ernesto Martínez, 2022

também é um símbolo de *Aserá*. O desenho rudimentar não tem nome de *Aserá* anexado. Portanto, outras deusas também poderiam ser referências legítimas. A inscrição não estabelece uma relação direta com nenhuma das epigrafias. Finalmente, as figuras masculinas e femininas puderam ser uma referência ao deus egípcio Bes e sua consorte⁹, e não necessariamente a *'El* e *Aserá*.

De acordo com o testemunho bíblico, havia postes, pedras, imagens e ídolos para representá-la ou que tinham a ver com ela, porém desconhecemos sua aparência e detalhes. Também não sabemos se foram feitos de acordo com um padrão estabelecido ou se o nome da *Aserá* foi gravado nesses objetos. Na ausência de uma correspondência direta entre o nome de *Aserá* e as mediações materiais, conclui-se que a representação dela, especialmente através de imagens femininas, pode ter sido variada e sem controles.

Uma agradável exceção, atestada pela Septuaginta, é a representação física desta deusa por meio de troncos, árvores ou estacas especiais cravadas nos templos e outros lugares sagrados. Infelizmente, devido à natureza perecível da madeira, nenhum exemplar desse tipo de evidência foi encontrado. Para reafirmar essa leitura, um grande número de

⁹ Ver, por exemplo, o artigo "Religião e Literatura na Antiga Palestina" em https://www.religionofancientpalestine.com/?page_id=131

estatuetas-postes dos séculos VIII-VIII AEC, foram encontrados em Jerusalém, Arad, Berseeba, Beit-Mirsim e Beth-Shemes, e a forma mais frequente desses objetos consistia em troncos de árvores feitos a mão nos quais figuras femininas segurando seus seios com as mãos haviam sido inseridas (RÖMER, 2017, p. 165). Nos restos de um vaso encontrado em Laquish (ca. século XIII AEC) aparecem figuras de árvores, embora sem uma alusão direta a Aserá.

Além do testemunho da LXX ao traduzir o termo אֲשֵׁרָה (singular e plural) como "árvore" ou "grupo de árvores" (FURLAN e MARTÍNEZ, 2002), a associação de Aserá com esses objetos, como símbolos da vida, pode ser notada na etimologia de algumas palavras e conceitos hebraicos no AT. Por exemplo, *elat*, traduzido como "deusa" e um dos epítetos cananeus dos quais Aserá era conhecida, é idêntico à palavra para a árvore "terebinth" (ou



Alguém pode se perguntar se a deusa Aserá, antes do estabelecimento de seu culto em Canaã, foi conhecida por outros nomes e se ela ou outras como ela foram representadas através de árvores, como aconteceu posteriormente, de acordo com a Bíblia Hebraica. A presente imagem desta "árvore sagrada" à esquerda (cujo significado ainda é um mistério, ca. século VIII AEC), é um dos muitos relevos decorativos do palácio de Nimrud durante o tempo de Assurbanipal II, que nos fazem pensar em um lugar especial, em meio à natureza representando a vida e as forças místicas responsáveis por ela (Museu de Pérgamo, Berlim)

Fotografia: Aquiles Ernesto Martínez, 2022



Protegido por espíritos divinos, no relevo acima, duas imagens do rei Assurbanipal II, diante do deus Shamash, aparecem olhando uma árvore no centro de ambos (Nimrud, 865-860 AEC, Museu Britânico)

Fotografia: Aquiles Ernesto Martínez, 2022

seja, ela). Outro termo para terebinth são duas palavras traduzidas como "carvalho" (*elon* e *allon*) estão intimamente ligadas a este tema. Em um nível conceitual, a maneira como Eva é descrita em Gênesis 2:4b-3:24, "mãe de todos os seres vivos" (3:20), pode ter algo a ver com o papel da deusa como doadora de vida em fontes extra-bíblicas. Há quem leia a imagem da "árvore da vida" à luz desse contexto religioso (ACKERMAN, 1999).

2.7 Práticas Cultuais

Pois bem, uma coisa é falar sobre Ashera. Outra é falar sobre as crenças, símbolos e atividades de seus seguidores em momentos especiais e, assim, mediar seu relacionamento com essa deusa; Acima de tudo, para dar coesão à sua ideia de comunidade, sentido de pertença e propósito existencial.

O problema é que a informação sobre o tema da adoração desta divindade, organizada ou informal, pelas razões que temos vindo a invocar, não está disponível para uma análise detalhada. Na melhor das hipóteses, é indireta e ambivalente e, portanto,

imprecisa. A Bíblia hebraica, por mais estranha que pareça, fornece mais informações sobre esse assunto do que fontes externas a ela (MARTINS e MARTINEZ, p. 10-20). Diante dessa situação, além de ler nas entrelinhas, devemos recorrer ao sentido comum e ao que sabemos sobre outras religiões para ter uma ideia sobre os recursos e atividades culturais em torno dessa deusa.

Dando como fato que *Aserá* era o nome de uma deusa equivalente a de outras, podemos inferir que lhe foram oferecidos sacrifícios de animais de acordo com protocolos pré-estabelecidos. De acordo com os textos sírios de Ras Shamra, a deusa Atíratu (presumivelmente equivalente a Aserá) foi sacrificado carneiros no terceiro dia de um mês não especificado. Falam também de ritos, oferendas e horários apropriados para a execução de tais atividades, bem como orações, encantamentos e algumas atividades administrativas (PARDEE, 2002, p. 2-4; DIA, 1986, p. 390). A família real protagonizou um ritual em que dois carneiros foram sacrificados a esta deusa. Nos dois primeiros meses de inverno (possivelmente entre 21 de dezembro e 20 de fevereiro), carneiros e touros eram geralmente sacrificados a todas às divindades do Panteão Ugarítico. Isso foi feito no Monte Safon, morada do deus Ba'al. E entre as deidades honradas é mencionada Atiratu.

Como parte dos rituais do festival de Ano Novo, talvez para celebrar a colheita, se estipulava o seguinte: "No quinto dia do festival da lua cheia, no templo de *Ilu*: um siclo de prata, um fígado e um sacrifício dabhu, [...] para *Atíratu* (PARDEE, 2002, p. 36, 102).

Além dos sacrifícios típicos, havia alguns ritos de encantamento para neutralizar alguns males ou outros casos, o que eventualmente o que alguns chamam de "prostituição sagrada¹⁰". Por exemplo, há um texto que sugere que, para eliminar a impotência ou a disfunção sexual masculina, o homem afetado deve inserir seu pênis na garganta de uma sacerdotisa (que representava a deusa *Atíratu*) até ejacular nela: "Para o homem, flua do pau para a terra; para o filho do homem, o labirinto é livre. Eis que, na garganta de senhora *Atíratu*, faça [...] com suco para regá-la" (MATOS, 2022, p. 42-44). No entanto, não há evidências contundentes sobre a existência desse tipo de prática no Antigo Oriente Próximo

¹⁰ Cujas existência é questionável (BUDIN, 2008, p. 1-3).

(BUDIN, 2008, 42-44). Além disso, a natureza poética ou mesmo grotesca deste texto lança sérias dúvidas sobre a realização deste ritual.

Em um tablete do século XV AEC descoberta em Taanach, perto de Megido, Guli-Adad faz um pedido a Rewassa, príncipe de Taanach, do qual podemos deduzir a existência de um pessoal a serviço da deusa *A-sirta* (cf. 1 Reis 18:19), alguns deles com dons clarividentes: "Além disso, e se há um mago de A-sirta, deixe-o dizer a nossa fortuna e deixe-me saber rapidamente (?); e envie-me o sinal (oracular) e a interpretação." Nas cartas de tel-Amarna, escritas em meados do século XIV AEC., o rei Amurru aparece como "servo de A-sirta" várias vezes (DAY, 1986, p. 386), o que sugere a relação de lealdade dos reis para com as deusas, talvez por causa de sua natureza benfeitora. Mas voltando ao ponto principal deste artigo, essa conclusão, embora lógica, não aparece diretamente nas fontes; entre os especialistas, é dado como um fato que *Aserá* e *A-sirta* são a mesma divindade.

Prateleiras cultuais como no presente, dedicada a deusa Astrarté (ca. Séc. XIII-XI AEC, Museu de Jordânia), podem ter sido usadas na adoração de Aserá, especialmente aquelas decoradas com plantas ou árvores.

Fotografia: Aquiles Ernesto Martínez, 2022



Apesar dessa limitação, se abordarmos o tema da religião de um ponto de vista transcultural ou religiões comparadas, podemos interpretar o design, a criação e o uso de objetos (como os que analisamos), como atos de adoração que também ajudam a canalizar a disposição, o pensamento e os atos religiosos cultuais de outros beneficiários, sem cair em imposições arbitrárias ou silogismos intelectuais. Nesse sentido, a epigrafia e a

iconografia existentes deveriam ser vistas como mediações imanentes em torno do transcendente. Também as atividades que, com foco no sagrado, eram realizadas em fortalezas, templos, palácios, tumbas, casas ou áreas rurais.

Tendo a Bíblia hebraica como ponto de referência em relação a *Aserá*, tomemos também como exemplos as imagens de diversos tipos que foram feitas à mão e o plantio de árvores, mas também os altares e santuários, especialmente em lugares altos. Podemos adicionar sacrifícios de animais e ofertas de vegetais, a coleta e queima de madeira, e o plantio e cultivo de árvores. Se tomarmos Jr 7:18-20 como uma codena dirigida ao culto de *Aserá*, ou uma divindade análoga, todos esses exemplos podem muito bem ter sido parte da prática religiosa dos seguidores desta deusa em Canaã e nações vizinhas.

Por fim, ao que parece, não havia culto oficial como tal e acima de outras deusas, por isso é muito provável que os fiéis dessa divindade popular estivessem concentrados na província, fato que concorda com a situação sócio-retórica que a Bíblia hebraica pressupõe. Isso pode ser concluído desde que *Aserá* não seja automaticamente equiparada a todas as deusas que identificamos acima. E uma vez que a maioria dos habitantes do Antigo Oriente Próximo eram analfabetos e viviam fora das grandes cidades, seria coerente imaginar que eles utilizavam estatuetas de barro e outros artefatos baratos e simples para representar *Aserá*, embora ainda não exista evidências definitivas sobre esses objetos.

3. Uma conclusão reflexiva

As ideias acima pintam uma silhueta de Ashara e seus seguidores de acordo com a cultura material existente de algumas áreas representativas do Antigo Oriente Próximo. Mas as informações coletadas são incompletas porque os informantes são insuficientes, fragmentários e imprecisos. A crença em muitas deusas era um fato indiscutível e existem evidências abundantes a esse respeito. Mas em relação a *Aserá*, não há muito que possa ser dito. Os dados são poucos e vagos em relação a 7 áreas principais: 1) seu nome e significado, 2) títulos honoríficos, 3) teogonia e a expansão do culto, 4) posição nos panteões, 5) funções divinas, 6) materialidade simbólica e 7) as práticas de culto associadas a essa deusa. Mas isso não é tudo. Há um alto grau de subjetividade por parte dos especialistas. Em seus

estudos, destacam-se o imaginário e a particularidade de cada um deles e delas, muitas vezes concretizados em hipóteses interessantes, mas imprecisas. Apesar dessas duas limitações, podemos recuperar “algo” acerca de Aserá que se soma aquele outro “algo” que já havíamos coletado em nossa primeira abordagem acerca do tema.

Em nossas abordagens à deusa *Aserá*, tivemos que fazer certos ajustes. Se a Bíblia hebraica "demoniza" tudo o que tem a ver com a cultura cananeia, em geral, com essa divindade e seus devotos, em particular, as testemunhas da ACO que examinamos parecem ir para o outro extremo. Seus criadores, sendo seguidores de *Aserá* (ou deusas equivalentes), desenham uma imagem positiva dela, mas ao mesmo tempo muito limitada. A autocrítica não existe mais do que a demonização do monoteísmo ou de outras divindades. A boa notícia é que, em nosso tratamento de ambas as fontes, estávamos cientes das perspectivas que enquadravam as informações. Também tentamos não permitir que a iconografia e a epigrafia existentes fossem interpretadas através da ideologia da Bíblia hebraica. E dizemos isso porque no estudo da *Aserá* e outras divindades, é muito fácil cair no erro de privilegiar leituras literárias de objetos, edifícios, inscrições e estátuas. A essa tendência devemos acrescentar o tratamento inadequado dado à iconografia (LEWIS, 2005, p. 69-76).

Pensando na questão da "localização social" daqueles que interpretam sua realidade, nossa análise textual, iconográfica e epigráfica da *Aserá* no ACO evidencia muito do papel que a subjetividade desempenha na produção de sentido, seja no âmbito doméstico, nas relações sociais ou na vida pública. Nesse processo, consciente ou inconscientemente, às vezes menosprezamos os pontos de vista e o poder de decisão dos outros e, em seguida, impomos nossa hermenêutica religiosa como a única e correta, e sem levar em conta os muitos espaços considerados particularmente sagrados. Em torno da *Aserá* ou seus equivalentes recontextualizados, no entanto, o clima parece ser outro. "A deusa da fertilidade" para alguns era "a rainha do céu" para outros; "A Noiva do Rei do Céu" foi em outro período "a mãe protetora" de um panteão inteiro para aqueles que acreditavam em sua posição de destaque. As decisões dessa divindade eram equiparadas às do deus soberano do panteão. Mas, no final do dia, tantas posições e funções não poderiam ser restritas à um único povo, cultura, espaço e tempo. Assim como o nome dessa deusa possivelmente sofreu

uma metamorfose ao longo dos séculos, seus atributos também foram "aprimorados" para atender às necessidades de todos os seus adoradores.

Em nossa busca para desenterrar a identidade de Aserá, de alguma forma fomos lembrados de que muitas das religiões da antiguidade, como aconteceu com a religião que se formou em torno dessa divindade, construíram suas ideias do divino com alguma equidade de gênero; Eles também reproduziram o valor do companheirismo ou da vida como um casal. Não vivemos isolados. O problema foi que, nesse processo, prevaleceram as perspectivas da classe alta, assim como a idealização de sua condição de vida. Este padrão marcante, mais uma vez nos lembra que a escrita da história e a cultura material que a torna viável, sempre reproduzem as crenças, valores e fatos dos poderosos, marginalizando a vida cotidiana das pessoas comuns. Mesmo assim, esse modo inconsciente e sistêmico de ser e agir era melhor do que o monoteísmo patriarcal que excluía e subordinava a imagem do feminino. Mas na feminização dessas possíveis versões de Aserá, o masculino ainda era mantido como o principal critério e a feminilidade subordinada à seu serviço. N entanto, as vezes, esse padrão era relativamente alterado por seu protagonismo ousado.

De uma perspectiva ontológica, nos fragmentos que agrupamos da religião da Aserá materializa-se essa necessidade de dar ordem a uma vida que de outra forma teria sido caótica, irrelevante e desprovida de significado. Assim, a criação e adoração desta antiga deusa deve ser entendida como uma tentativa de afirmar a identidade, sempre tentando integrar a vida terrena com as realidades supraterras. Divindades como ela tinham inerência na vida dos povos e, diante dos favores concedidos, seus fiéis sabiam como responder com gratidão, atos cultuais e devoção.

Diante da dor, da incerteza e da morte, confiar na transcendência (da qual a Aserá foi uma expressão), como a melhor ou mesmo a única solução para enfrentar esses desafios, era uma resposta urgente, compreensível e necessária; também os recursos gráficos, simbólicos e estéticos criados e utilizados para mediar uma relação de reciprocidade com o divino. Em um ambiente quando os recursos eram muito limitados e em que os povos lutavam para assumir o controle, como não recorrer a forças superiores responsáveis pela totalidade da vida para garantir a sobrevivência?

Para fechar este capítulo na esperança de talvez abrir outros no estudo de Aserá, concluímos que esta divindade que desde o início despertou a nossa curiosidade e resultou por ser um mistério com alguns lampejos à distância, acabou por se tornar um "Grande Mistério", mas não para aqueles que, a partir dessa fé que tudo crê, foi uma poderosa e imponente deusa, revelada e digna de ser adorada e representada materialmente.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, Susan. "Asherah/Asherim: Bible." Shalvi/Hyman Encyclopedia of Jewish Women. 31 December 1999. Jewish Women's Archive. Accesado 10/11/22
<https://jwa.org/encyclopedia/article/asherahasherim-bible>
- , "The Queen Mother and the Cult in Ancient Israel." *Journal of Biblical Literature* 112 (1993): 385–401.
- ANTHONIOZ, Stephanie. "Astarte in the Bible and her Relation to Asherah," 125-139. David T. Sugimoto, ed. *Transformation of a Goddess: Ishtar – Astarte – Aphrodite. Fribourg Switzerland: Academic Press Fribourg, 2014.* Accesado 03/08/22
https://www.academia.edu/7988493/Astarte_in_the_Bible_and_her_Relation_to_Asherah
- BINGER, Tilde. *Asherah: Goddesses in Ugarit, Israel, and the Old Testament.* Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.
- BUDIN, Stephanie L. *The Myth of Sacred Prostitution in Antiquity.* Cambridge/Nova Iorque: Cambridge University Press, 2008.
- CORNELIUS, Izak (Sakkie). *The Many Faces of the Goddess: The Iconography of the Syro-Palestinian Goddesses Anat, Astarte, Qedeshet, and Asherah c. 1500-1000 BCE.* 2d ed. Fribourg, Switzerland: Academic Press Fribourg/Paulusverlag Freiburg Schweiz Vandenhoeck & Ruprecht Gottingen, 2008. Accesado 04/12/22
https://www.academia.edu/73860793/The_Many_Faces_of_the_Goddess_The_Iconography_of_the_Syro_Palestinian_Goddesses_Anat_Astarte_Qedeshet_and_Asherah_c_1500_1000_BCE
- COWLEY, A. *Aramaic Papyri of the Fifth Century B.C.* Oxford, Clarendon Press, 1923.
- CROATTO, J. Severino. "La diosa Asherá en el antiguo Israel. El aporte epigráfico de la arqueología" 38, no. 1 (2001): 29-39.
- DAY, John. "Asherah in the Hebrew Bible and Northwest Semitic Literature." *Journal of Biblical Literature* 105, (1986): 385-408. Accesado 02/12/22
<https://www.andrews.edu/web/amlsc/moodle/public/courses/relb274/lesson02/lesson02supp02.pdf>
- DEVER, William. *Did God have a Wife? Archeology and Folk Religion in Ancient Israel.* Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2005.

- EMERTON, J.A. "Yahweh and His Asherah": The Goddess or Her Symbol? *Vetus Testamentum* 49 (1999): 315-337.
- FURLAN, Marisa e Aquiles Ernesto MARTÍNEZ. "Aserá: Su presencia en Canaán según la Biblia hebrea y a pesar de ella". 03/11/22
https://www.academia.edu/89908694/ASER%C3%81_Su_presencia_en_Cana%C3%A1n_seg%C3%BA_n_la_Biblia_hebrea_y_a_pesar_de_ella
- GILMOUR, Garth. "An Iron Age II Pictorial Inscription from Jerusalem Illustrating Yahweh and Asherah." *Palestinian Exploration Quarterly* 141, no.2 (2009): 87-103. Accesado 17/02/22
https://www.academia.edu/438637/An_Iron_Age_II_pictorial_inscription_from_Jerusalem_illustrating_Yahweh_and_Asherah
- GRAY, John. *I & II Kings: A Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1963.
- HADLEY, Judith M. *The Cult of Asherah in Ancient Israel and Judah: Evidence for a Hebrew Goddess*, University of Cambridge Oriental Publications. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- , "Yahweh and His Asherah: Archeological and Textual Evidence," *Ein Gott allein?* Eds. Walter Dietrich and Martin A. Klopfenstein. Gottingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1994.
- KLEIN, Silas. "Materialidade do culto israelita pré-exílico: Análise exegética, arqueológica e iconográfica de alguns objetos de culto". *PLURA: Revista de Estudos de Religião*, v. 7, no. 1 (2016): 111-135. Acessado 09/06/22
https://www.academia.edu/33141071/Materialidade_do_culto_israelita_pr%C3%A9_ex%C3%ADlico_An%C3%A1lise_exeg%C3%A9tica_arqueol%C3%B3gica_e_iconogr%C3%A1fica_de_alguns_objetos_de_culto?email_work_card=title
- LEUENBERGER, Martin. "Yahweh and His Asherah in the Three Pithoi Inscriptions from Kuntillet 'Ajrud: A Re-evaluation." In Renate M. van Dijk-Coombes, Liani C. Swanepoel and Gideon R. Kotzé, eds. *From Stone Age to Stellenbosch. Studies on the Ancient Near East in Honour of Izak (Sakkie) Cornelius*. ÄAT 107, Münster, 2021, 179-190. Accesado 02/07/22
https://www.academia.edu/67030163/Yahweh_and_His_Asherah_in_the_Three_Pithoi_Inscriptions_from_Kuntillet_%CA%BF%AJrud_A_Re_evaluation
- MAIER, Walter A. *Asherah: Extrabiblical Evidence*. Harvard Semitic Monographs. Atlanta: Scholars Press, 1986.
- MANDELL, Alice. "I Bless you to YHWH and his Asherah" - Writing and Performativity at Kuntillet." *Maarav* 19, no. 1-2 (2012): 131-162.

- MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. *As sagradas de Asherah e YHWH: narrativa e memória do sacerdócio feminino no templo de Jerusalém*. Tese Doutorado em Ciências da Religião Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.
- METZGER, Bruce Manning. *Diccionario de la Biblia*. São Paulo: Jorge Zahar, 2002
- NAPLES, Mary. "In Search of Asherah: The Lost Hebrew Goddess." Acesso 19/01/22
<https://femminaclassica.com/in-search-of-asherah-the-lost-hebrew-goddess/>
- PATAI, Raphael. *The Hebrew Goddess*. Detroit: Wayne State University Press, 1990.
- RÖMER, Thomas. *A Origen de Javé: O Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2017.
- SCREMIN, João Valerio. "Por Traz Do Véu... Está Jezabel: A Influência do Culto à Asherah na Cultura Patriarcal Judaica". *Revista EDIFICA* (Piracicaba, 2013): 57-72.
- SMOAK, Jeremy, and William SCHNIEDEWIND. "Religion at Kuntillet 'Ajrud." *Religions*, 10, no. 3 (2019): 1-18. Acesso 15/12/22
https://www.academia.edu/83250156/Religion_at_Kuntillet_%CA%BFAjrud
- STAVRAKOPOULOU, Francesca. "The Ancient Goddess, the Biblical Scholar, and the Religious Past: Re-imagining Divine Women." En SHERWOOD, Yvonne. *The Bible and Feminism: Remapping the Field*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- TADMOR, M. "The Figurine from Revadim – Wet-nurse or Child-bearing Woman?" *Eretz Israel*, 30 (2011): 419-424.
- TRONETTI, Francesca. "The Queen of Heaven: Depictions of Asherah in Ancient Israel." Acesso 02/09/22
https://www.academia.edu/60216219/The_Queen_of_Heaven_Depictions_of_Ashe_rah_in_Ancient_Israel
- WHITE, Ellen. "Asherah and the Asherim: Goddess or Cult Symbol?" *Biblical Archaeology Society* (August 02, 2022) acesso 09/10/22
<https://www.biblicalarchaeology.org/daily/ancient-cultures/ancient-israel/asherah-and-the-asherim-goddess-or-cult-symbol/>